WWW para ouvir

Por Lucas Rolfsen

Filarmônica de Pasárgada questiona em seu mais novo disco os caminhos que o ser humano tomou com a internet, dialogando com o poeta Manuel Bandeira algo além da utopia de uma sociedade ideal

Já são cerca de 20 anos desde que os provedores comerciais de internet começaram a atuar e ganhar mercado no Brasil. Desde então, com a população conectada cada vez em maior escala graças ao World Wide Web, ou WWW, sistema inventado pelo cientista da computação Tim Berners-Lee, em 1989 – são dele também os fundamentais código HTML e o protocolo HTTP –, a sociedade experimentou, e continua a provar, uma transformação drástica e irrefreável em todos os seus costumes e na maneira como se comunica. Não seria inusitado, portanto, que esse comboio digital sem ponto de parada fosse objeto de estudo e de criação – como plataforma e como inspiração – de incontáveis artistas ao redor do mundo. E que, no mais recente exemplo, tivesse tocado alma e ouvidos do cantor, compositor, violonista e pesquisador paulistano Marcelo Segreto, à frente da conceitual e contestadora Filarmônica de Pasárgada, grupo que acaba de lançar seu terceiro álbum, justamente batizado como *Algorritmos* e com todas as suas 15 faixas a discutir o ser humano e seus hábitos, em um mundo hiperconectado.

Com o encarregado do laptop André Teles, o pianista Fernando Henna, o fagotista Ivan Ferreira, o contrabaixista Migue Antar, o baterista e percussionista Moisés Pantolfi, a cantora e atriz Paula Mirhan, e a clarinetista e claronista Renata Garcia, que embarcaram nas ideias de Segreto nos idos de 2008, quando cursavam Música na Universidade de São Paulo (USP), a Filarmônica desafia no novo disco – já lançaram antes *O hábito da força* (2012) e *Rádio lixão* (2014) – o papel do ser humano no mundo contemporâneo.

Wikipédia, homepage, bate-papo, vírus, Twitter e seus 144 caracteres, entre outros temas, marcam as músicas de *Algorritmos*. A brincadeira se faz presente, por exemplo, no título da faixa *Você quis dizer: Filarmônica de Passárgada*, questionando o que um usuário da internet quis de fato escrever ao buscar o nome da banda (grafado errado) e conhecê-la a partir do ambiente em rede. Depois de pesquisar, é como se os meios de comunicação digitais enquadrassem o grupo, começando nas estrofes do primeiro verso: “Haja Facebook/Haja propaganda/Menino dá um look/No nome da banda”. A ideia da impessoalidade digital se funde com a poesia de Segreto, que finaliza com os seguintes versos a música que começou este parágrafo: “Mas se você vem/Para escutar essa canção/A calçada vira palco/O barzinho vira estádio/Se ela não tocar no rádio/Já tocou seu coração”.

Entre o humano e o digital, as canções colocam as pessoas como responsáveis por tudo aquilo que há de bom e de ruim nas redes, inclusive a própria banda. “Antes de compor, comecei a estudar web arte. E uma coisa que me incomodava era que as obras ficavam datadas. Porque, como a internet, a tecnologia e o computador se desenvolvem muito rápido, as interfaces e os gráficos ficam velhos, ficavam meio toscos. Então, a ideia [do disco] é relacionar os processos de internet com a nossa vida”, conta Segreto.

A independência no trabalho e a utopia unem a Filarmônica a uma grande referência dela: o poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968), cujo poema *Vou-me embora pra Pasárgada* inspirou o nome da banda. Nele, o escritor diz que “Em Pasárgada tem tudo/É outra civilização/Tem um processo seguro/De impedir a concepção/Tem telefone automático/Tem alcaloide à vontade”. Publicado no livro *Libertinagem* (1930), o poema expressava o desejo de um lugar ideal, fictício e distante, no qual um dia surgiriam novas e melhores tecnologias para libertar o homem.

CRITICAR PARA CONSTRUIR

Se o libertário Bandeira ansiava por um mundo mais moderno e comunicativo, a Filarmônica de Pasárgada, de um jeito muito peculiar e original, tenta entender a revolução da internet e sabe que é parte integrante de um processo contínuo do mundo. Uma visão prática da modernidade da Filarmônica é a defendida pelo jornalista Marcus Preto, que associa o grupo à Vanguarda Paulista e, especialmente, a Tom Zé, acreditando na similaridade metalinguística com a produção do tropicalista baiano da década de 1970. “As discussões dispostas no álbum [*Algorritmos*] refletem justamente o ponto de vista crítico do jovem urbano, que, embora não tenha sido criado na era da internet mais popularizada, domina suas ferramentas. É a geração intermediária, que está em um ponto privilegiado, pois pode ser crítica a esses temas porque conhece os dois lados, o analógico e o digital”, pontua Marcus.

Tom Zé acredita que “a modernidade atual equivale a quando o homem deixou de andar sobre quatro pés e começou a fazê-lo sobre dois” e enxerga algo bastante particular nas canções de *Algorritmos*. “Usa muito um recurso absolutamente inesperado: é a velocidade que uma canção, dentro do seu tempo, pode alcançar como se passasse pelo umbigo de um buraco negro”, diz o artista, que acaba de completar 80 anos e entrar em turnê com o disco *Canções eróticas de ninar – Urgência didática*.

Já Guilherme Arantes, que lançou pelo seu selo Coaxo do Sapo todos os discos da Filarmônica, descreve o último trabalho deles assim: “O forte [de *Algorritmos*] está na qualidade criativa, que dá passos decisivos para consolidar o que considero mais especial, sob o meu prisma de músico e compositor: o talento melódico e harmônico, a beleza. Segreto e sua trupe acharam o tom mais pungente, tocante, colocaram finas especiarias de sentimento na receita, e isso ficou ótimo, dá um novo fôlego para o experimentalismo tradicional da banda”.

Mas o caráter experimental, enfatiza Segreto, não é criar algo que fuja da compreensão de quem ouve as músicas do grupo. “Quando falo experimentar, não é uma coisa do tipo: ah, tá experimentando, fazendo coisas dodecafônicas que ninguém vai entender. Não, experimentar curtindo, de pegar a canção e mexer, botar um negócio para cá... Como um barro. É a curtição de fazer uma coisa diferente, sem pensar muito no resultado.” A cantora Paula Mirhan complementa: “O que é ser original? Acho que essa geração em que a gente está, o que a gente tem gostado de fazer é isso: brincar com a linguagem. Brincar!”.

Brincando ao lado de Manuel Bandeira, Tom Zé e Guilherme Arantes, Segreto encontra a crença na arte a partir do que uma antiga professora de literatura lhe dizia: “O artista não é nada demais. Você tem uma visão mágica sobre o mundo. Essa visão mágica sobre o mundo é o mais legal. Você estar com a sua família e sentir, por exemplo, a passagem do tempo do seu avô... Isso é o mais importante! Agora, botar isso tudo em algo, aí é o artista! Mas a visão mágica, que é o mais importante, todo mundo tem!”. Visão que originou *Algorritmos*, ou o que Guilherme Arantes define como uma “vitória do sentimento e do lirismo sobre a mecanicidade da linguagem que se estabeleceu”.